

Verbos: conceito e locução verbal

Resumo

Verbo é uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo. Tal expressividade é manifestada em indicações de ação, estado ou fenômenos da natureza.

Ex.:

- I. Estudamos ontem à noite.
- II. Choveu muito pela manhã.
- III. Ana continua a comer.
- IV. Luana estava linda na festa.

Flexões verbais

Os verbos podem variar em número, pessoa, modo, tempo, aspecto e voz.

- I. **Número:** Estudo (singular); Estudamos (plural)
- II. **Pessoa:** Podemos dizer que seriam os pronomes do caso reto. “Eu” e “nós” quando se trata daquele que fala; “Tu” e “vós” são a quem se fala; “Ele” ou “ela” e “eles” ou “elas” são as pessoas de quem se fala.
- III. **Modos:** Indicam certeza, dúvida, mando, suposição; são as formas possíveis dos verbos para indicar essas atitudes sobre o que se enuncia. Na Língua Portuguesa, temos 3 modos: Indicativo, Subjuntivo e Imperativo.
- IV. **Tempo:** como o próprio nome já diz, é a variação que indica o momento em que ocorre o fato expressado pelo verbo. São o Presente e as subdivisões de Pretérito (Passado) e Futuro, englobadas por seus respectivos modos.
- V. **Aspecto:** manifesta o ponto de vista do locutor sobre a ação expressa pelo verbo. Isso se reflete na divisão dos tempos verbais em perfeitas, mais-que-perfeitas e imperfeitas. Aqui, considera-se se a expressividade do verbo mostra a ação concluída, ou não concluída. Essa noção também aparece nos verbos auxiliares: Posso estudar mais. / Pode chover hoje.

Ex. 1: Ele estudava muito. (A ação começou no passado, foi contínua durante um tempo e terminou no passado. Note que no presente, o sujeito “ele” já não estuda);

Ex. 2: Ele estudou ontem. (A ação é mais pontual, não tem ideia de continuidade).

Ex. 3: Ele explicou que estudara muito antes da prova. (A ação do verbo “estudar” é anterior a do verbo “explicar”)

Outra questão pertinente ao aspecto verbal é o contexto em que ele acontece:

Ex. 4: João começou a comer. João continua a comer. João acabou de comer. (Note que o verbo auxiliar acrescenta valores ao verbo principal, alterando, assim, seu aspecto)

VI. Vozes:

- I. Ativa, quando a ação do verbo é praticada pelo sujeito. Ex.: Caio jogou bola na rua.
- II. Passiva, quando o sujeito sofre a ação. Ex.: O muro foi pintado por mim.
- III. Reflexiva, quando a ação é praticada e sofrida pelo sujeito. Ex.: Ana feriu-se.

Locução verbal

É o conjunto formado por um verbo auxiliar e um verbo principal, no qual se conjuga apenas o auxiliar; o verbo principal sempre vem em uma de suas formas nominais: particípio, gerúndio ou infinitivo impessoal. Os auxiliares mais comuns são: ter, haver, ser e estar. Porém, nada impede que outros verbos assumam essa função.

Obs: Quando os verbos “ter” e “haver” forem auxiliares de verbos principais no infinitivo e contribuírem para exprimir obrigatoriedade ou firme propósito, o uso de preposição antes do verbo principal se faz necessário.

Ex.: Tenho de cantar neste espetáculo!

Obs2: As preposições são exigidas pela relação de regência que se estabelece entre elas e o verbo. Numa locução verbal, é o segundo verbo que rege a preposição. Portanto, mesmo se o primeiro verbo da locução reger uma preposição, ela deve ser abandonada nesse tipo de construção.

Ex.:

Se ela precisar de viajar, não vou me opor. (**Incorreto**);

Se ela precisar viajar, não vou me opor. (**Correto**)

ATENÇÃO: Os verbos transitivos indiretos podem apresentar como complemento um verbo no infinitivo. Nesse caso, não se trata de uma locução verbal, já que o primeiro verbo não é um auxiliar ou modal. Portanto, o emprego da preposição é obrigatório.

Ex.: Mariana gosta de ir ao shopping.

No exemplo anterior, há o verbo **gostar** (verbo transitivo indireto = rege a preposição “de”).

Exercícios

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:

Memórias do cárcere

¹Resolvo-me a contar, depois de muita hesitação, casos passados há dez anos – e, antes de começar, digo os motivos por que silencie e por que me decido. Não conservo notas: algumas que tomei foram inutilizadas, e assim, ¹⁶com o decorrer do tempo, ia-me parecendo cada vez mais difícil, quase impossível, redigir esta narrativa. Além disso, julgando a matéria superior às minhas forças, esperei que outros mais aptos se ocupassem dela. Não vai aqui falsa modéstia, como adiante se verá. ²Também me afligiu a ideia de jogar no papel criaturas vivas, sem disfarces, com os nomes que têm no registro civil. Repugnava-me deformá-las, ⁹dar-lhes pseudônimo, fazer do livro uma espécie de romance; mas teria eu o direito de ⁵utilizá-las em história presumivelmente verdadeira? Que diriam elas se se vissem impressas, realizando atos esquecidos, repetindo palavras contestáveis e obliteradas?

(...)

O receio de cometer indiscrição exibindo em público pessoas que tiveram comigo convivência forçada já não me apoquentava. Muitos desses antigos companheiros distanciaram-se, apagaram-se.

¹⁰Outros permaneceram junto a mim, ou vão reaparecendo ao cabo de longa ausência, alteram-se, completam-se, avivam recordações meio confusas – e não vejo inconveniência em mostrá-los.

(...)

E aqui chego à última objeção que me impus. ¹³Não resguardei os apontamentos obtidos em largos dias e meses de observação: num momento de aperto fui obrigado a atirá-los na água. ⁶Certamente me irão fazer falta, mas terá sido uma perda irreparável? Quase me inclino a supor que foi bom privar-me desse material. ¹⁷Se ele existisse, ver-me-ia propenso a consultá-lo a cada instante, mortificar-me-ia por dizer com rigor a hora exata de uma partida, ¹¹quantas demoradas tristezas se aqueciam ao sol pálido, em manhã de bruma, a cor das folhas que tombavam das árvores, num pátio branco, a forma dos montes verdes, tintos de luz, frases autênticas, gestos, gritos, gemidos. Mas que significa isso? ¹⁵Essas coisas verdadeiras podem não ser verossímeis. E se esmoreceram, deixá-las no esquecimento: valiam pouco, pelo menos imagino que valiam pouco. Outras, porém, conservaram-se, cresceram, associaram-se, e é inevitável mencioná-las.

⁷Afirmarei que sejam absolutamente exatas? Leviandade. (...) ¹⁴Nesta reconstituição de fatos velhos, neste esmiuçamento, exponho o que notei, o que julgo ter notado. ³Outros devem possuir lembranças diversas. Não as contesto, mas espero que não recusem as minhas: ⁴conjugam-se, completam-se e me dão hoje impressão de realidade. Formamos um grupo muito complexo, que se desagregou. De repente nos surge a necessidade urgente de recompô-lo. Define-se o ambiente, as figuras se delineiam, vacilantes, ganham relevo, a ação começa. ¹⁸Com esforço desesperado arrancamos de cenas confusas alguns fragmentos. Dúvidas terríveis nos assaltam. De que modo reagiram os caracteres em determinadas circunstâncias? O ato que nos ocorre, nítido, irrecusável, terá sido realmente praticado? Não será incongruência? Certo a vida é cheia de incongruências, mas estaremos seguros de não nos haveremos enganado? Nessas vacilações dolorosas, ¹²às vezes necessitamos confirmação, apelamos para reminiscências alheias, convencemo-nos de que a minúcia discrepante não é ilusão. Difícil é sabermos a causa dela, ⁸desenterrarmos pacientemente as condições que a determinaram. Como isso variava em excesso, era natural que variássemos também, apresentássemos falhas. Fiz o possível por entender aqueles homens, penetrar-lhes na alma, sentir as suas dores, admirar-lhes a relativa grandeza, enxergar nos seus defeitos a sombra dos meus defeitos. Foram apenas bons propósitos: devo ter-me revelado com frequência egoísta e mesquinho. E esse desabrochar de sentimentos maus era a pior tortura que nos podiam infligir naquele ano terrível.

GRACILIANO RAMOS

Memórias do cárcere. Rio de Janeiro: Record, 2002.

1. Nesta reconstituição de fatos velhos, neste esmiuçamento, exponho o que notei, o que julgo ter notado. (ref.14)

O uso do verbo “julgar”, no fragmento acima, promove uma correção do que estava dito imediatamente antes. Essa correção é importante para o sentido geral do texto porque:

- a) questiona a validade de romancear fatos
- b) minimiza o problema de narrar a memória
- c) valoriza a necessidade de resgatar a história
- d) enfatiza a dificuldade de reproduzir a realidade

2. Normalmente, é possível omitir elementos de construção de frases sem dificultar a compreensão do leitor, uma vez que ficam subentendidos pelo conjunto da própria estrutura ou pela sequência em que se apresentam.

O exemplo do texto em que há omissão de elementos de construção de frases, sem prejuízo da compreensão, é:

- a) com o decorrer do tempo, ia-me parecendo cada vez mais difícil, quase impossível, redigir esta narrativa. (ref.16)
 - b) Se ele existisse, ver-me-ia propenso a consultá-lo a cada instante, mortificar-me-ia por dizer com rigor a hora exata de uma partida, (ref.17)
 - c) Afirmarei que sejam absolutamente exatas? Leviandade. (ref.7)
 - d) Com esforço desesperado arrancamos de cenas confusas alguns fragmentos. Dúvidas terríveis nos assaltam. (ref.18)
3. Em sua reflexão acerca das possibilidades de recompor a memória para escrever o livro, o narrador utiliza um procedimento de construção textual que contribui para a expressão de suas inquietudes. Tal procedimento pode ser identificado como:
- a) encadeamento de fatos passados.
 - b) extensão de parágrafos narrativos.
 - c) sequência de frases interrogativas.
 - d) construção de diálogos presumidos.
4. *Essas coisas verdadeiras podem não ser verossímeis.* (ref.15)

Com a frase acima, o escritor lembra um princípio básico da literatura: a verossimilhança – isto é, a semelhança com a verdade – é mais importante do que a verdade mesma. A melhor explicação para este princípio é a de que a invenção narrativa se mostra mais convincente se:

- a) parece contar uma história real.
- b) quer mostrar seu caráter ficcional.
- c) busca apoiar-se em fatos conhecidos.
- d) tenta desvelar as contradições sociais.

5. Leia a fábula “A raposa e o lenhador”, do escritor grego Esopo (620 a.C.-564 a.C.?)

Enquanto fugia de caçadores, uma raposa viu um lenhador e lhe pediu que a escondesse. Ele sugeriu que ela entrasse em sua cabana e se ocultasse lá dentro. Não muito tempo depois, vieram os caçadores e perguntaram ao lenhador se ele tinha visto uma raposa passar por ali. Em voz alta ele negou tê-la visto, mas com a mão fez gestos indicando onde ela estava escondida. Entretanto, como eles não prestaram atenção nos seus gestos, deram crédito às suas palavras.

Ao constatar que eles já estavam longe, a raposa saiu em silêncio e foi indo embora. E o lenhador se pôs a repreendê-la, pois ela, salva por ele, não lhe dera nem uma palavra de agradecimento. A raposa respondeu: “Mas eu seria grata, se os gestos de sua mão fossem condizentes com suas palavras.”

ESOPO, G. *Fábulas completas*, 2013.

Os trechos “Ele sugeriu que ela entrasse em sua cabana” e “vieram os caçadores e perguntaram ao lenhador se ele tinha visto uma raposa” foram construídos em discurso indireto. Ao se transpor tais trechos para o discurso direto, o verbo “entrasse” e a locução verbal “tinha visto” assumem, respectivamente, as seguintes formas:

- a) “entrai” e “vira”.
- b) “entrou” e “viu”.
- c) “entre” e “vira”.
- d) “entre” e “viu”.
- e) “entrai” e “viu”.

6. Importância da atividade física

Mas o que é atividade física? De acordo com Marcello Montti, atividade física é definida como um conjunto de ações que um indivíduo ou grupo de pessoas pratica envolvendo gasto de energia e alterações do organismo, por meio de exercícios que envolvam movimentos corporais, com aplicação de uma ou mais aptidões físicas, além de atividades mentais e sociais, de modo que terá como resultados os benefícios à saúde.

No Brasil, o sedentarismo é um problema que vem assumindo grande importância. As pesquisas mostram que a população atual gasta bem menos calorias por dia do que gastava há 100 anos, o que explica por que o sedentarismo afetaria aproximadamente 70% da população brasileira, mais do que a obesidade, a hipertensão, o tabagismo, o diabetes e o colesterol alto. O estilo de vida atual pode ser responsabilizado por 54% do risco de morte por infarto e por 50% do risco de morte por derrame cerebral, as principais causas de morte em nosso país. Assim, vemos como a atividade física é assunto de saúde pública.

Texto adaptado. Disponível em: <http://www.boasaude.com.br/artigos-de-saude/4772/-1/importancia-da-atividade-fisica.html>.

No texto apresentado, é dito que “No Brasil, o sedentarismo é um problema que vem assumindo grande importância”. Pode-se falar sobre a locução verbal que:

- a) seu verbo auxiliar está no presente do indicativo.
- b) sua conjugação refere-se ao momento passado.
- c) seu verbo principal está no futuro do pretérito.
- d) seu complemento é “um problema”.
- e) seu sujeito é “o sedentarismo”.

7. No dia seguinte fui à casa da filha do dono da livraria [...]. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. [...] Dessa vez nem caí; guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Clarice Lispector. *Felicidade Clandestina*. RJ: ed. Rocco, 1998. p. 9.

Marque a alternativa incorreta quanto à análise gramatical do texto.

- a) A ausência da vírgula para indicar o deslocamento da expressão adverbial sublinhada constitui erro de pontuação nos trechos: 1. No dia seguinte fui à casa da filha do dono da livraria [...]; 2. Dessa vez nem caí; 3. [...] os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, [...]
- b) A oração “Não me mandou entrar.” pode ser escrita, sem alteração de sentido, da seguinte forma: “Não mandou que eu entrasse.”
- c) O adjunto adverbial exigido pelo verbo “ir” tanto pode ser introduzido pela preposição “a”, conforme no texto, como pode ser introduzido pela preposição “em”: “No dia seguinte fui na casa da filha do dono da livraria [...]”.
- d) A locução verbal “havia emprestado”, no trecho “[...] disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, [...]”, corresponde ao pretérito mais-que-perfeito composto, podendo, pois, ser substituído corretamente por “emprestara”, que é o pretérito mais-que-perfeito simples do verbo “emprestar”.
- e) O nome “amor” pode relacionar-se com complementos precedidos das preposições “a”, “de” e “por”. Em “[...] o amor pelo mundo me esperava [...]”, a preposição “por” pode ser substituída pela preposição “a”, sem que o sentido da expressão seja alterado.

8. Do lado de fora dos muros da Febem, a realidade da infância no Brasil é igualmente revoltante. Segundo dados do IBGE, 40% das crianças brasileiras entre zero e 14 anos vivem em condições miseráveis, ou seja, a renda mensal familiar não passa de metade do salário mínimo. O desafio é tão dramático que muita gente acaba dando de ombros, convencida de que se chegou a uma situação da qual não há retorno. É um erro. Neste momento, milhares de fundações e organizações não governamentais, ONGs, estão demonstrando como boas ideias, um pouco de dinheiro e muita disposição podem mudar essa realidade para melhor. Se elas conseguem realizar transformações positivas em universos limitados o bom senso indica que basta copiar o exemplo apropriado. Estima-se que só as fundações (...) estejam investindo 500 milhões de reais por ano numa infinidade de programas de cunho educacional, cultural, esportivo, de saúde, lazer e até mesmo de estímulo a iniciativas governamentais bem-sucedidas. Estão mostrando como é possível, se não resolver o problema de milhões, pelo menos prevenir o de centenas de milhares e recuperar outros tantos.

“ESTÃO MOSTRANDO como é possível, se não resolver o problema de milhões, pelo menos prevenir O de centenas de milhares e recuperar outros tantos.”

Analise o excerto. A locução verbal e o pronome destacados, no processo coesivo textual, referem-se, respectivamente, a:

- a) “fundações e organizações não governamentais.”
 - b) “transformações” e “bom senso”.
 - c) “fundações” e “estímulo”.
 - d) “programas” e “desafio”.
 - e) “iniciativas governamentais” e “retorno”.
9. Assinale a opção que descreve corretamente UMA das ocorrências de formas verbais em fragmentos da obra "Os colegas":
- (1) - Não vai dar pé, ninguém vai acreditar que você é dono deles.
 - (2) - E o bom daquele sonho é que ela ia acordar e ver que tudo que tinha sonhado continuava a ser verdade.
 - (3) - Pega a mangueira aí!
 - Desenrola!
 - Engata naquela torneira!
 - Abre a torneira todinha!
- a) Uso de locução verbal (ir + infinitivo) com o verbo auxiliar no imperfeito do indicativo em vez do futuro do pretérito.
 - b) Uso do pretérito-mais-que-perfeito simples em vez do pretérito imperfeito do indicativo.
 - c) Uso de formas do subjuntivo em vez do imperativo.
 - d) Uso de locução verbal (ir + infinitivo) com o verbo auxiliar no imperfeito do indicativo em vez do imperfeito do indicativo.
 - e) Uso de locução verbal (ir + infinitivo) com o verbo auxiliar no presente do indicativo em vez do presente do subjuntivo.

10. O menino da porteira

Toda a vez que eu viajava
Pela estrada de Ouro Fino,
De longe eu avistava
A figura de um menino,
Que corria abri[r] a porteira
Depois vinha me pedindo:
– Toque o berrante, seu moço,
Que é p’ra mim ficá[ar] ouvindo.

Luisinho, Limeira e Zezinha, 1955.

Meu bem querer

Meu bem-querer
É segredo, é sagrado,
Está sacramentado
Em meu coração.
Meu bem-querer
Tem um quê de pecado
Acariciado pela emoção.
Meu bem-querer, meu encanto,
Tô sofrendo tanto, amor.

E o que é o sofrer
Para mim, que estou
Jurado p’ra morrer de amor?

Djavan. Alumbramento. Emi-Odeon, 1980.

“O menino da porteira”, gravado em 1955, mostra-se como um significativo exemplo de projeção da linguagem oral cotidiana na poesia-canção popular brasileira. Observe o verso “Que é p’ra mim ficá[ar] ouvindo”, e compare-o com o verso “Pra mim, que estou”, de Djavan. Num deles ocorre um fato linguístico que a gramática normativa considera “erro de português”. A indicação do “erro” e a “correção” correspondente estão em:

- a) p’ra mim, de “O menino da porteira”, que deveria ser corrigida para p’ra eu, pois o pronome pessoal eu é objeto direto da locução verbal ficá ouvindo.
- b) para mim, de “Meu bem-querer”, que deveria ser corrigida para para eu, porque o pronome pessoal eu é sujeito do verbo estou.
- c) para mim, de “Meu bem-querer”, que deveria ser corrigida para p’ra eu, por analogia a p’ra morrer, do verso seguinte.
- d) p’ra mim, de “O menino da porteira”, que deveria ser corrigida para p’ra eu, uma vez que o pronome pessoal eu é sujeito da locução verbal ficá ouvindo.
- e) p’ra mim, de “O menino da porteira”, que deveria ser corrigida para para eu, por se tratar de uma locução adverbial.

Gabarito

1. **D**

No contexto, o verbo “julgar” adquire o valor semântico de *supor, considerar, imaginar*, enfatizando a dificuldade de reproduzir a realidade.

2. **C**

O termo “leviandade” constitui a resposta curta, transcrita em frase nominal, à pergunta anteriormente formulada (“Afirmarei que sejam absolutamente exatas?”). Fica subentendido pelo conjunto da própria estrutura que o narrador considera insensato atribuir qualidade de absoluta exatidão às lembranças do passado.

3. **C**

O narrador, perante as dúvidas quanto à composição da narrativa através do fluxo da memória (“Dúvidas terríveis nos assaltam”), formula uma série de interrogações na tentativa de encontrar uma resposta que acalme as suas inquietudes (“De que modo reagiram os caracteres em determinadas circunstâncias? O ato que nos ocorre, nítido, irrecusável, terá sido realmente praticado? Não será incongruência? Certo a vida é cheia de incongruências, mas estaremos seguros de não nos haveremos enganado?”).

4. **A**

Se, na literatura, a “verossimilhança” (harmonia entre os elementos fantasiosos ou imaginários) é mais importante do que a verdade mesma, então a invenção narrativa mostra-se mais convincente se parecer contar uma história real.

5. **D**

No discurso direto, o verbo “entrasse” (pretérito imperfeito do subjuntivo” e a locução verbal “tinha visto” (pretérito mais que perfeito composto) seriam substituídos pelo imperativo afirmativo “entre” e pretérito perfeito do indicativo “viu”.

6. **A**

A locução é formada pelo auxiliar “ser”, no presente do indicativo, e pelo verbo principal “assumir”, no gerúndio.

7. **C**

O verbo ir é regido pela preposição “a”. Não seria correto, portanto, dizer “fui na”.

8. **A**

Era preciso apenas entender quem era o sujeito da locução verbal e a qual termo o pronome se referia.

9. **A**

A própria alternativa se justifica, porque apresenta a explicação gramatical correta.

10. **D**

Os pronomes pessoais do caso reto sempre são sujeitos dos verbos. O pronome MIM não poderia ser sujeito, já que é oblíquo e funciona normalmente como objeto.